

DESCONSTRUINDO A IMPOSSIBILIDADE DE VISIBILIDADE TRADUTÓRIA

Emily Arcego¹

Resumo

Este artigo foi desenvolvido a partir de uma análise bibliográfica dos Estudos da Tradução e da Filosofia da Linguagem. O objetivo central da pesquisa é apresentar a crítica feita por Venuti (2004) acerca da invisibilidade do tradutor. Para que esse objetivo fosse alcançado, foi desenvolvida uma discussão a respeito da dicotomia existente entre *domesticação* e *estrangeirização*. Embora não tivesse essa nomenclatura, a dicotomia foi inicialmente apresentada em 1813 por Schleiermacher, precursor dessa teoria nos Estudos da Tradução, porém tornou-se popular com as considerações de Venuti (2004) no início da década de 1990. A fim de que o tradutor não seja considerado um sujeito neutro e inerente à cultura alvo, Venuti (2004) posiciona-se a favor da estrangeirização, visando que o leitor tenha consciência de que se trata de uma tradução. Ao contrapor as teorias e autores do campo dos Estudos da Tradução, bem como da Filosofia da Linguagem, verifica-se que uma área depende da outra, de modo que para traduzir não existe medida, tampouco regra ou método exato. Portanto, ao longo do artigo será explanado o conceito de *desconstrução* formulado por Derrida (1986) e que contempla a ideia de visibilidade do tradutor e subjetividade na tradução, pois o leitor constrói sua própria cadeia de significados, desconstruindo-a e reconstruindo-a a cada nova leitura, tornando-se então sujeito atuante e responsável por sua autoria.

Palavras-chave: Tradução. Invisibilidade. Domesticação. Estrangeirização. Desconstrução.

Abstract

This article is based on a bibliographic analysis in the fields of Translation Studies and Philosophy of Language. The main objective of this research is to present Venuti's (2004) criticism about the translator's invisibility by discussing the *domestication* and *foreignization* dichotomy. Although the dichotomy was initially discussed in 1813 by Schleiermacher, who is the precursor of this theory within Translation Studies, it was not known by this denomination until Venuti's (2004) considerations in the 1990s. Furthermore, in order to avoid considering the translator a neutral subject who is inherent to the target culture, Venuti (2004) favors foreignizing translations because they allow the reader to notice that the target text is a translation. When comparing theories and authors within Translation Studies and the Philosophy of Language, one can see that they depend on one another as there is no measure nor exact rule or methodology when translating. Based on these considerations, this article also draws on Derrida's (1986) concept of *deconstruction*. This concept contemplates the idea of the translator's visibility and the subjectivity in the translation process as the reader constructs his own chain of meanings, deconstructing and reconstructing it in every fresh reading, thus becoming an acting subject who is responsible for the text he creates.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, UFSC (Brasil).
arcegoemily@gmail.com

Keywords: Translation. Invisibility. Domestication. Foreignization. Deconstruction.

1. Introdução

Este artigo é composto por três partes. Na *Introdução* é apresentado um breve resgate histórico referente aos Estudos da Tradução. A seguir, em *Tradução e Visibilidade*, é realizado um cotejo historiográfico para definir o que é a domesticação e o que é a estrangeirização, partindo da hermenêutica descrita por Schleiermacher (2010) e apontando os pensamentos de Venuti (2004). Posteriormente, nas *Considerações Finais*, é realizada uma conclusão a partir do discutido ao longo do artigo.

Dessa forma, o objetivo central desse artigo, é refletir sobre estrangeirização e domesticação, buscando não apenas apresentar as discussões a respeito dessas duas especificidades tradutórias, mas também compreender a crítica de Venuti (2004) contra a invisibilidade tradutória que ao mesmo tempo em que cria um efeito ilusório de fluidez textual, mascara o trabalho do tradutor. Contudo, não foi apenas Venuti (2004) que se esforçou para dissertar sobre a temática, pois Derrida (1986) também discorreu sobre sua visão de leitura, interpretação e tradução, o que mais tarde veio a ser discutido por Arrojo (2003). Portanto, ao longo do desenvolvimento desse artigo, será apresentado o posicionamento derridiano que expõe as dificuldades presentes na compreensão textual e afirma que a leitura, por mais simples que seja, possui uma carga de sentidos, significados e ideologias.

É notório que ao longo dos tempos a Tradução passou por diversas linhas de pensamento desde seu surgimento até a pós-modernidade. Ocorrido após a Segunda Guerra Mundial, o grande *boom científico* colocou em voga várias áreas das ciências humanas, como por exemplo, a Linguística, a Psicologia e a Antropologia. Nas décadas de 1950 e 1960, a tradução seguia o caráter científico da linguística e era denominada a Ciência da Tradução. Além disso, esta era vista como uma atividade mecânica, e consistia na transposição de significado de uma língua para outra. Desta forma, o significado deveria se tornar o objeto a ser transportado através de um método. Arrojo (2000) apud Bohunovsky (2001) afirma que alguns defensores dessa teoria foram John C. Catford, Eugene Nida, Karl-Heinz Freigang e Otto Kade, os quais, segundo a autora, possuíam a concepção de que o texto deveria ser “um objeto estável, ‘transportável’, de contornos absolutamente claros, cujo conteúdo podemos classificar completa e objetivamente” (p. 52). Portanto, o tradutor era considerado um mero transportador de significados, e por isso, não poderia interpretar ou intervir em sua própria tradução. Tornando assim, o processo tradutório o mais neutro possível.

Partindo de tais “princípios” de tradução, fica evidente que o objetivo principal do tradutor deveria ser o mais “fiel” ao original em sua totalidade e ficar “invisível” no texto traduzido, pois o objetivo fundamental de qualquer tradução seria a “reprodução” do “original” em outro código. (BOHUNOVSKY, 2001, p. 52).

Desta forma, essa decodificação, ou seja, a tradução literal, era um processo mecânico que não questionava ou muito menos sugeria estratégias conhecidas hoje como métodos tradutórios. Porém, ao longo dos tempos, houve uma evolução e começou-se a questionar o que era traduzir e, até mesmo, os direitos do tradutor diante do seu trabalho. Além disso, Bohunovsky (2001, p. 53) menciona que os Estudos da Tradução possuem diferentes vertentes teóricas, entre elas, a dos estudos descritivos da tradução, orientados, principalmente, pelo conceito de desconstrução. Dentro desta concepção, encontram-se também os estudos referentes ao Pós-Estruturalismo, Pós-Colonialismo, Psicanálise, Estudos Feministas, Estudos Culturais, entre outros. A partir destas novas vertentes, a atividade tradutória deixou de ser considerada um trabalho mecânico e passou a ser uma atividade que carrega a voz ideológica de seu tradutor. Quebrou-se então o paradigma de texto original, fidelidade, equivalência e neutralidade, pois agora “o tradutor é entendido como um sujeito inserido num certo contexto cultural, ideológico, político e psicológico – que não pode ser ignorado ou eliminado ao elaborar uma tradução.” (BOHUNOVSKY, 2001, p. 54).

Desta forma, a atividade tradutória é vista como um processo de leitura e interpretação, no qual o tradutor nunca é um sujeito neutro. Uma vez que o tradutor torna-se uma figura visível, responsável por suas escolhas e por sua autoria, cabe apresentar a crítica desenvolvida por Venuti (2004), em que o autor se posiciona a favor de uma tradução com marcas estrangeiras, a fim de enriquecer o conhecimento do leitor.

Destarte, a figura do tradutor torna-se visível ao passo que opta por transportar o texto de partida para a língua de chegada, causando certo estranhamento e fazendo com que o leitor perceba que se trata de um texto traduzido. Através desta metodologia estrangeirizadora, traços culturais, ideologias e concepções são transportadas para o texto de chegada. Fenômeno este responsável por representar uma resistência à censura editorial por abordar temas que podem ser considerados tabus em seu país. Por fim, esse desmascaramento ideológico reafirma sua condição autoral, garantindo assim, que não haja um filtro cultural e social que permeia o processo de tradução.

2. Tradução e visibilidade

Para falar de métodos tradutórios, e discutir tradução e visibilidade, é necessário antes de mais nada voltar no tempo. Foi através de Friedrich Daniel Ernest Schleiermacher (1768 – 1834) que se passou a refletir publicamente sobre o que é a tradução e sobre as estratégias presentes no processo de tradução. Schleiermacher foi um teólogo, pregador e reformador alemão, mundialmente conhecido, que ganhou destaque nos Estudos da Tradução por ser a primeira pessoa a pensar que essa área deveria constituir uma disciplina própria de estudos, consequentemente com caráter autônomo e com suas abordagens específicas. Por meio de seus colóquios, Schleiermacher apresentou discussões plausíveis a respeito da hermenêutica e de aspectos linguísticos. Além disso, foi um dos grandes incentivadores para que se refletisse sobre a tradução a partir de uma nova perspectiva. Embora seu legado seja um tanto quanto desconhecido no campo dos Estudos da Tradução, sua contribuição

foi fundamental para o que hoje são conhecidos como métodos tradutórios. (SNELL-HORNBY 2012 p. 188).

Um marco histórico aconteceu em 1813 quando Schleiermacher leu, na Academia Real de Ciências, em Berlim, seu ensaio intitulado em português brasileiro, *Sobre os diferentes métodos de tradução*. Nesse ensaio, fica nítida sua preocupação sobre o ato de traduzir e embora não haja uma nomenclatura específica, é possível perceber que aborda os dois métodos tradutórios mais conhecidos nos dias de hoje.

Mas, agora, por que caminhos deve enveredar o verdadeiro tradutor que queira efetivamente aproximar estas duas pessoas tão separadas, seu escritor e seu leitor, e propiciar a este último, sem obrigá-lo a sair do círculo de sua língua materna, uma compreensão correta e completa e o gozo do primeiro? No meu juízo, há apenas dois. Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro. Ambos os caminhos são tão completamente diferentes que um deles tem que ser seguido com o maior rigor, pois, qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório, e é de temer-se que o encontro do escritor e do leitor falhe inteiramente. A diferença entre ambos os métodos, onde reside a sua relação mútua, será mostrada a seguir. Porque, no primeiro caso, o tradutor se esforça por substituir com seu trabalho o conhecimento da língua original, do qual carece o leitor. A mesma imagem, a mesma impressão que ele, com seu conhecimento da língua original, alcançou da obra, agora busca comunicá-la aos leitores, movendo-os, por conseguinte, até o lugar que ele ocupa e que propriamente lhe é estranho. Mas, se a tradução quer fazer, por exemplo, que um autor latino fale como se fosse alemão, haveria falado e escrito para alemães, então, não apenas o autor move-se até o lugar do tradutor, pois tampouco para este o autor fala em alemão, senão latim; antes coloca-o diretamente no mundo dos leitores alemães e o faz semelhante a eles; e este é precisamente o outro caso. (SCHLEIERMACHER, 2010, p. 57-59).

Conforme pode ser observado no excerto acima, os questionamentos de Schleiermacher são de extrema relevância e inovadores. Ao mesmo tempo em que o filósofo alemão questiona a postura do leitor e do tradutor, ele faz referência a metodologia que pode ser utilizada na tradução. Porém, Schleiermacher, não posiciona-se a favor ou contra as metodologias, somente reflete sobre a escolha do tradutor.

Por mais que essa dicotomia sempre esteve presente no contexto do ato de traduzir e tenha gerado muitas dúvidas, ela não possuía uma terminologia específica até meados dos anos de 1990. Assim como afirma Snell-Hornby (2012 p. 192), por meio da leitura do ensaio de Schleiermacher em inglês, traduzido por Lefevere, Venuti

(1995) nomeia os métodos tradutórios “estrangeirização” e “domesticação” e faz com que essa escolha terminológica torne-se popular mais de um século depois.

A partir da publicação do livro *The Translator's Invisibility: A history of translation* (VENUTI, 1995), começa-se a pautar discussões sobre qual seria a melhor alternativa perante uma tradução, domesticar ou estrangeirizar. Porém, ao contrário de Schleiermacher (2010), Venuti (1995), além de discorrer sobre a dicotomia presente no contexto do tradutor, busca principalmente fazer uma reflexão e, ao mesmo tempo, uma crítica à invisibilidade do tradutor. Desse modo, Venuti (2004 p. 5) define o termo “invisibilidade” para descrever a situação do tradutor americano contemporâneo que cria um efeito ilusório para parecer um texto escrito na língua materna do leitor da tradução. Para que isso ocorra, é necessário apagar as marcas da cultura de partida, o que Venuti (1995), considera um ato violento capaz de retirar a oportunidade do leitor de conhecer outra cultura e enriquecer culturalmente. Venuti (2004 p. 7), então se posiciona totalmente contra essa violência linguística que abrange aspectos semânticos, ideológicos e culturais:

Um texto traduzido, seja em prosa ou poesia, ficção ou não-ficção, é considerado aceitável pela maioria dos editores, revisores e leitores quando há uma leitura fluente. Principalmente, quando há a ausência de quaisquer peculiaridades linguísticas ou estilísticas fazendo com que o texto pareça transparente, dando a impressão de refletir a personalidade do autor estrangeiro, ou a intenção ou o significado essencial do texto. Em outras palavras, que a tradução não é de fato uma tradução, mas o “original”. A ilusão de transparência é um efeito de discordância fluente, do esforço do tradutor em assegurar fácil legibilidade, aderindo ao uso atual, mantendo a sintaxe contínua e um significado preciso. [...] Quanto mais fluente a tradução, mais invisível é o tradutor e, presumivelmente, mais visível é o escritor ou o significado do texto estrangeiro. (VENUTI, 2004, p. 7, tradução nossa)².

Além de fazer uma crítica profunda a respeito da língua e da estilística textual, Venuti (2004, p. 10) afirma que, além dessa tendência de domesticar e tornar o tradutor invisível, o mercado editorial tem dado atenção ao uso do inglês americano atual, ou seja, moderno, sem gírias e sem “tradutês” ou “traduzês”. Sendo assim, estrangeirismos britânicos são evitados nas traduções para o inglês americano, e a fluência depende da sintaxe que deve ser fiel ao texto de chegada e não ao de partida para não soar tão idiomático.

² A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparente, giving the appearance that it reflects the foreign writer's personality or intention or the essencial meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original”. The illusion of transparency is na effect of fluente discourse, of the translator's effort to insure easy readability by adhering to current usage, maintaining continuous syntax, fixing a precise meaning. [...] The more fluent the translation, the more invisible the translator, and, presumably, the more visible the writer or meaning of the foreign text.

Uma tradução fluente é imediatamente reconhecida e inteligível, familiarizada, domesticada, não “desconcertante[adora]” estrangeira, capaz de dar ao leitor desobstruído “acesso aos grandes pensamentos” mais precisamente, ao que está “presente no original”. Assim, através de uma tradução fluente, o tradutor trabalha para que sua tradução seja “invisível”, produzindo um efeito ilusório de transparência que simultaneamente mascara seu status como uma ilusão: o texto traduzido parece “natural” e não traduzido. (VENUTI, 2004, p. 12, tradução nossa)³.

De modo semelhante, Cohen (1962, p. 35) apud Venuti (2004 p. 20) faz um paralelo entre a estrangeirização e a domesticação. Para o autor, a domesticação representa um risco no quesito de reproduzir os estilos dos autores e, ao mesmo tempo, usa-se de artifícios a fim de garantir uma uniformidade na prosa de maneira mais simples. Além da domesticação comprometer estilisticamente o texto de chegada e não demonstrar ao leitor que se trata de uma tradução, a transparência na tradução repassa valores e estilos presentes na cultura americana, porém, cria um *eclipse* tradutório, ou seja, a invisibilidade do tradutor de que trata Venuti (2004). O autor discute que:

Um ilusionismo produzido pela tradução fluente, a invisibilidade do tradutor encena e mascara uma domesticação insidiosa de textos estrangeiros, reescrevendo-os no discurso transparente que prevalece em inglês e que seleciona precisamente aqueles textos estrangeiros passíveis de tradução fluente. Na medida em que o efeito da transparência apaga o trabalho do tradutor, contribui para a marginalidade cultural e para a exploração econômica que os tradutores de língua inglesa sofrem há muito tempo. Ao mesmo tempo em que seus status de escritores são raramente reconhecidos e são também mal remunerados, o trabalho do tradutor ainda é indispensável devido à dominação global da tradução dentro da cultura americana, do inglês. Por trás da invisibilidade do tradutor está um desequilíbrio comercial que subscreve essa dominação, mas também diminui o capital cultural dos valores estrangeiros em língua inglesa ao limitar o número de textos estrangeiros traduzidos e submetê-los à revisão da domesticação. (VENUTI, 2004, p. 45, tradução nossa)⁴.

³A fluent translation is immediately recognizable and intelligible, “familiarised”, domesticated, not “disconcerting[ly]” foreign, capable of giving the reader unobstructed “access to great thoughts,” to what is “present in the original.” Under the regime of fluente translating, the translator works to make his or her work “invisible,” producing the illusory effect of transparency that simultaneously masks its status as an illusion: the translated text seems “natural”, i.e., not translated.

⁴An illusionism produced by fluent translating, the translator’s invisibility at once enacts and masks na insidious domestication of foreign texts, rewriting them in the transparent discourse that prevails in English and that selects precisely those foreign texts amenable to fluent translating. Insofar as the effect of transparency effaces the work of translation, it contributes to the cultural marginality and

Nesse excerto, Venuti (2004) não apenas critica a domesticação, mas explica que esse método tradutório, utilizado principalmente nos Estados Unidos, é de cunho político e além de mascarar a visibilidade do tradutor, filtra através das hierarquias dominantes, os valores, crenças e costumes que serão repassados para a língua de chegada. Portanto, como discute o autor, não domesticar, mas sim, estrangeirizar é um posicionamento político, “A estrangeirização em inglês pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o narcisismo cultural e o imperialismo, no interesse das relações geopolíticas democráticas.” (VENUTI, 2004, p. 54, tradução nossa).⁵

Uma vez que a tradução estrangeirizante apresenta-se para demonstrar o trabalho do tradutor e sua representatividade ideológica, parte-se do pressuposto que esse fator isola qualquer tentativa de neutralidade tradutória, e portanto, o método tradutório estrangeirizante insere-se na cultura de partida, garantindo que o leitor se depare com especificidades culturais muito distintas e temáticas polêmicas.

Assim, o conceito de tradução estrangeirizante - mesmo fazendo-se referência a algumas considerações do teórico francês Antoine Berman (1984) - é convertido em uma tese na direção de uma ética tradutória dos dias de hoje, na qual a estrangeirização (semelhante à tradução de Homero feita por Francis Newman) é, em princípio, boa, e a domesticação (isto é, *fluent translations*, nas quais, segundo Venuti, o tradutor torna-se “invisível”, semelhante à tradução de Homero por Matthew Arnold) é, em princípio, ruim. A linguagem de Venuti é, como demonstram os termos polêmicos empregados por ele, tais como *ethnocentric violence*, *racism*, *narcissism*, *imperialism*, quase sempre provocativa e polarizadora: na sua concepção de domesticação, em oposição à abordagem de Vermeer, a cultura de partida sofre violência no ato da tradução. (SNELL-HORNBY, 2012, p. 193).

Logo, essa ideologia comercial de fluidez textual na qual o texto de chegada torna-se inteligível ao leitor é uma forma de violência, porque não dá a oportunidade do leitor conhecer novas culturas, formas de pensar, crenças; ao contrário disso, encobre ideologias e aspectos culturais vindos de outrem:

A tradução também inclui o texto estrangeiro na manutenção ou revisão de paradigmas conceituais dominantes, pesquisas, metodologias e práticas clínicas em disciplinas e profissões linguísticas, seja física ou arquitetura, filosofia ou psiquiatria,

economic exploitation that English – language translators have long suffered, their status as seldom recognized, poorly paid writers whose work nonetheless remains indispensable because of the global domination of Anglo-American culture, of English. Behind the translator’s invisibility is a trade imbalance that underwrites this domination, but also decreases the cultural capital of foreign values in English by limiting the number of foreign texts translated and submitting them to domesticating revision.

⁵ Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations.

sociologia ou direito. São essas afiliações e efeitos sociais - escritos na materialidade do texto traduzido, em sua estratégia discursiva e em sua amplitude de lusividade para o leitor do idioma alvo, como também na própria escolha de traduzi-lo e nas formas como ele é publicado, revisado e ensinado - todas essas condições permitem que a tradução seja chamada de prática política cultural, construindo ou citando identidades marcadas pela ideologia para culturas estrangeiras, afirmando ou transgredindo valores discursivos e limites constitucionais na cultura da língua alvo. (VENUTI, 2004, p. 50, tradução nossa).⁶

Ademais da relação política que permeia o contexto tradutório, bem como as escolhas feitas por parte do tradutor, há uma relação específica entre tradução e autoria. Venuti (2004, p. 42, tradução nossa) afirma que “[...] a tradução pode ser considerada a comunicação de um texto estrangeiro, mas é sempre uma comunicação limitada pelo seu direcionamento a um público de leitura específico.”⁷ Mesmo com muitas discussões e reflexões a esse respeito, ainda há certa resistência no que diz respeito ao texto original e tradução, como elucida o autor:

A invisibilidade do tradutor é parcialmente determinada pela concepção individualista de autoria que continua a prevalecer na cultura americana. De acordo com esta concepção, o autor expressa livremente seus pensamentos e sentimentos na escrita, a qual é vista como original e uma representação autoral transparente que não poderá ser transgredida por fatores determinantes (linguísticos, culturais, sociais) que poderiam complicar a originalidade autoral. (VENUTI, 2004 p. 20, tradução nossa)⁸.

Uma vez que o autor é responsável por suas escolhas tradutórias, presume-se que este profissional é também responsável por sua autoria. É visível então que Venuti (2005, p. 27), contrapõe as dicotomias e faz um paralelo entre tradução e autoria bem como estrangeirização e domesticação. Aos olhos do autor, a visibilidade tradutória está diretamente ligada ao reconhecimento do tradutor, pois mesmo em

⁶Translation also enlists the foreign text in the maintenance or revision of dominant conceptual paradigms, research methodologies, and clinical practices in target-language disciplines and professions, whether physics or architecture, philosophy or psychiatry, sociology or law. It is these social affiliations and effects – written into the materiality of the translated text, into its discursive strategy and its range of allusiveness for the target language reader, but also into the very choice to translate it and the ways it is published, reviewed, and taught – all these conditions permit translation to be called a cultural political practice, constructing or critiquing ideology-stamped identities for foreign cultures, affirming or transgressing discursive values and institutional limits in the target-language culture.

⁷Translation can be considered the communication of a foreign text, but it is always a communication limited by its address to a specific reading audience.

⁸The translator’s invisibility is also partly determined by the individualistic conception of authorship that continues to prevail in Anglo-American culture. According to this conception, the author freely expresses his thoughts and feelings in writing, which is thus viewed as an original and transparente self-representation, unmediated by transindividual determinants (linguistic, cultural, social) that might complicate authorial originality.

livros e/ou jornais de renome, os nomes dos tradutores são excluídos ou minimizados, enaltecendo apenas a figura do escritor. Além de reafirmar a importância do trabalho feito pelo tradutor e criticar as leis britânicas e americanas que definem a tradução como uma “adaptação”, Venuti (2004) afirma que o tradutor é um subordinado do autor, o qual mesmo sem ter um conhecimento aprofundado do idioma, controla decisivamente a publicação da tradução sobre o termo de consentimento de direitos autorais, referente à tradução como sendo um texto original.

A partir dos apontamentos feitos por Venuti (2004) e suas respectivas dicotomias, uma proposta sugerida por ele é trabalhar com a subjetividade dentro do processo tradutório.

A noção de estrangeirização pode alterar a forma como as traduções são lidas e produzidas, porque pressupõe um conceito de subjetividade humana muito diferente dos pressupostos humanistas subjacentes à domesticação. Nem o escritor estrangeiro nem o tradutor são concebidos como a origem transcendental do texto, expressando livremente uma ideia sobre a natureza humana, comunicando-a em linguagem transparente a um leitor de uma cultura diferente. Desta forma, a subjetividade é constituída por determinações culturais e sociais que são diversas e até conflitantes, que arbitram qualquer uso de linguagem e que variam de acordo com a formação cultural e o momento histórico. (VENUTI, 2004, p. 56, tradução nossa)⁹.

Conforme ficou explícito no fragmento acima, o texto só poderá existir e formar-se a partir das leituras e interpretações. Por isso, cada indivíduo terá uma visão distinta de um mesmo texto, sendo capaz de apresentar através de sua leitura uma faceta referente a sua bagagem histórica e cultural. Quando fala-se de tradução, a subjetividade é inerente ao processo tradutório e portanto, não há medidas ou métodos perfeitos subjacentes a esta área de estudo. Levando em conta que (re)ler é entrelaçar e vislumbrar ideias e diferentes posicionamentos representados pela subjetividade presente neste ato, a proposta defendida por Venuti (2004) é também a proposta de Derrida (1976) com seu conceito de desconstrução.

Este conceito complexo demonstra que o texto somente sobrevive ao ato da leitura, ou seja, cada vez em que é lido, novas interpretações, decodificações e significados são apresentados ao leitor/tradutor. A desconstrução é um novo método pós-estruturalista que não aborda o estruturalismo do lado de fora, mas sim do lado de dentro, trabalhando nas próprias falhas do estruturalismo, levando-o às últimas consequências. Com isso, pode-se afirmar que a desconstrução é uma atividade que busca desmascarar a construção. De acordo com Rajagopalan (2003),

⁹The notion of foreignization can alter the ways translations are read as well as produced because it assumes a concept of human subjectivity that is very different from the humanist assumptions underlying domestication. Neither the foreign writer nor the translator is conceived as the transcendental origin of the text, freely expressing an idea about human nature or communicating it in transparent language to a reader from a different culture. Rather, subjectivity is constituted by cultural and social determinations that are diverse and even conflicting, that vary with every cultural formation and every historical moment.

[...] a desconstrução se torna uma poderosa arma, um instrumento de capacidade inesgotável, que serve para perfurar um texto até as suas entranhas e explorá-las a fim de desenterrar aquele “ponto cego” que o autor nunca viu e nem quis ver, e que o texto procura, na medida do possível, acobertar para que ninguém o veja. [...] A desconstrução por mais incrível que pareça, não utiliza nenhum método a não ser o mesmo que tradicionalmente foi empregado na leitura desses mesmos textos, porém com um rigor e impiedade jamais vistos. (2003, p. 26).

Não obstante, a desconstrução é um repensar filosófico dentro dos Estudos da Tradução e da Filosofia da Linguagem, uma vez que o conceito derridiano desmascara o conceito de signo saussuriano sobre significado e significante. Portanto, o significado se refaz a cada escrita e, quando isso ocorre, a ilusão do significado atingido tem de ocorrer. Grigoletto (2003) explana melhor esse conceito de Derrida:

A cada escritura o texto, como “tecido de signos” é tramado de uma certa forma, seguindo um determinado padrão, de modo a construir uma malha fechada, na qual o significante se transforma ilusoriamente em significado. Portanto, a cada escritura encerra-se a busca e o signo se fecha na justaposição de significado e significante, se constrói. Enquanto escrevo este texto, estou construindo uma trama que, para mim, neste momento, tem apenas uma possibilidade de significado, aquela que lhe atribuo agora. No entanto, este texto, colocado no papel e lido por outra pessoa, inclusive por mim mesma, em outro momento, será uma nova escritura; a primeira trama, já desfeita, será tecida novamente, mas formando outros desenhos, novas formas, e junto com ela tecendo-se a cada vez, a ilusão de se prender o signo na nova malha. (2003, p. 32).

Partindo dessa concepção de significado, Derrida (1973) apud Arrojo (2003, p. 24) afirma que:

[...] para a reflexão desconstrutivista, o significado não se encontra preservado no texto, nem na redoma supostamente protetora das intenções conscientes de seu autor, tampouco nasce dos caprichos individualistas de um leitor rebelde; o significado se encontra, sim, na trama das convenções que determinam, inclusive, o perfil, os desejos, as circunstâncias e os limites do próprio leitor.

Assim, para que a tessitura seja muito bem alinhavada, é importante ressaltar que a desconstrução desconstrói o logocentrismo, com intenção, mensagem e significado. Nesse sentido, ao fazer um cotejo entre a desconstrução e o logocentrismo, pode-se observar que, para o logocentrismo,

[...] é *fora* do sujeito/leitor ou “receptor” que se encontra a origem dos significados. [...] a origem do significado é necessariamente localizada no significante (no texto, na “mensagem”, na palavra), nas intenções (conscientes) do emissor/ autor, ou numa combinação ou alternância dessas duas possibilidades. [...] (ARROJO, 2003, p. 35).

Nesse sentido, Derrida (1972) apud Siscar (2013, p. 42) faz uma analogia a partir de *A farmácia de Platão* e refere-se ao sentido como o *pharmakon*, ou seja, que dependendo do contexto pode significar “veneno” ou “remédio”. Assim, cabe ao leitor/tradutor entender este vocábulo dentro do contexto no qual está inserido e expor através de artifícios linguísticos, os quais funcionam como filtro de uma mensagem que será repassada da cultura de partida à de chegada.

O *pharmakon* questiona a existência de uma verdade única e unívoca, a partir de sua instabilidade ou de sua ambivalência constitutiva. A “tese da traduzibilidade” é assim colocada em questão e, nesse sentido, a tradução “fracassa”, pois não há uma verdade formidável que constitua o original. (SISCAR, 2013, p.47).

Portanto, a tradução está relacionada com a produção de sentido, cada vez que há uma leitura, há uma nova interpretação e, conseqüentemente, uma transformação. O texto de partida deixa de ser o texto “original” e a tradução é um produto novo, sem a tradução não haverá a produção de sentido, pois este é um ato inevitável. Portanto, assim como afirma Derrida, o texto de partida só sobrevive em função de suas traduções. O que move a produção de sentido é a presença de palavras e outros textos que aparecem na leitura. Desse modo, a tradução é uma reescrita, uma recriação que depende do texto de partida. Assim como afirma Siscar (2013, p. 51), “a tradução depende do original para essa construção, assim como o original depende de uma leitura que garanta sua sobrevivência.”

Destarte, ao passo em que o tradutor provoca um desmascaramento linguístico e aponta suas escolhas tradutórias, transporta ao universo do leitor sua interpretação e inevitavelmente, suas peculiaridades. Partindo do pressuposto que cada ser humano possui vivências, leituras de mundo e ideologias, é impossível o tradutor ser neutro. Assim, como sugerem Venuti (2004) e Derrida (1973) apud Arrojo (2003), a cada nova tradução, há uma nova escolha e uma nova produção de sentido e, por isso, a cada palavra, verso, frase e texto, há também um aspecto a ser transportado que diz respeito a cada um. Por fim, a visibilidade tradutória reflete não apenas o nome de quem traduz, mas, principalmente, a alma de cada tradutor.

3. Considerações finais

A partir desse levantamento bibliográfico entre os Estudos da Tradução e a Filosofia da Linguagem, e a relação existente entre a teoria e a prática tradutória, pôde-se inferir que esse desmascaramento linguístico, provocado pelo fenômeno da

desconstrução, é de extrema relevância para a prática tradutória. Assim, não existe tradução sem identidade ou ideologia, não existe tradução sem intencionalidade e não existe tradução neutra. Sempre que um texto é traduzido, há intervenção.

Portanto, é preciso, também, ressaltar a importância do trabalho do tradutor, como o faz Venuti (2004), quando denuncia a invisibilidade do tradutor e é a favor da estrangeirização, não apenas como uma escolha tradutória, mas como um posicionamento político para valorizar o trabalho do tradutor e reafirmar sua autoria, quebrando tabus e indo contra a censura imposta por valores e ideologias de uma nação. Para o autor, o trabalho do tradutor não deve ser visto como uma atividade secundária, pelo contrário, quanto melhor for a tradução, mais visibilidade há dentro dela, mais esmero por parte da atividade tradutória e, conseqüentemente, maior a desconstrução de uma visão logocêntrica sobre a atividade tradutória.

Por fim, uma vez que não há um limite e uma metodologia exata para traduzir, cabe a cada tradutor ser condutor de sua mensagem. Construir e desconstruir suas ideias, sem medo de ousar em sua prática. Entretanto, independente da tradução, o tradutor é responsável tanto por suas escolhas, quanto por sua autoria, e, portanto, deve agir de forma a saber como justificá-las.

Referências

ARROJO, R. *et al* (Org.). *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003. 121 p.

BOHUNOVSKY, R. A (im)possibilidade da “invisibilidade” do tradutor e da sua “fidelidade”: por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 8, p.51-62, jul. 2001. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/431/showToc>>. Acesso em: 31 out. 2018.

GRIGOLETTO, M. A desconstrução do signo e a ilusão da trama. *In: ARROJO, R. et al* (Org.). *O Signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003. Cap. 4. p. 31-34.

NASCIMENTO, E. *et al* (Org.). *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. 352 p.

RAJAGOPALAN, K. A trama do signo: Derrida e a desconstrução de um projeto saussuriano. *In: ARROJO, R. et al* (Org.). *O Signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003. Cap. 3. p. 25-29.

SISCAR, M. *Jacques Derrida: literatura, política e tradução*. Campinas: Autores Associados, 2013. 216 p.

SKINNER, A. A ética da palavra e o trabalho do luto. *In: NASCIMENTO, E. et al* (Org.). *Jacques Derrida: pensar a desconstrução*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. Cap. 4. p. 271-281.

SCHLEIERMACHER, F. D. Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. Tradução de Celso R. Braidão. In: HEIDERMAN, W. (Org.). *Antologia Bilingue - Clássicos da Teoria da Tradução*: Volume 1 Alemão-Português. 2. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Cap. 4, p. 38-101.

SNELL-HORNBY, M. A “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos estudos da tradução? Tradução de Tinka Reichmann e Marcelo Moreira. *Pandaemonium Germanicum*. São Paulo, v. 15, p.185-212, jul. 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/pg/issue/view/3289>>. Acesso em: 26 set. 2018.

VENUTI, L. *The translator's invisibility: A history of translation*. 11. ed. New York: Taylor & Francis E-library, 2004. 350 p.

_____. *The Translator's invisibility: A history of translation*. 3. ed. London: Routledge, 1995. 350 p.